

KOMBI, KOMBEIRO, EQUÍVOCA DA VIOLÊNCIA E OUTROS CONCEITOS

Fernando Aquino - Corpos Informáticos
Márcio H. Mota - Corpos Informáticos
Maria Beatriz de Medeiros - Corpos Informáticos/UnB

RESUMO

O presente texto pensa, apresenta, tange e poesia (sic) sobre a intervenção/performance *Komboio, Kombeiro* ou *Kombunda*, realizada pelo Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos, 2011. Para tanto são utilizados os conceitos de “equivoca da violência”, composição urbana, fuleragem (sic), dispositivo. Indagações cotidianas alinhavam a poesia/escrita a seis mãos.

PALAVRAS-CHAVE: *Komboio, Kombeiro*, “equivoca da violência”, composição urbana, fuleragem.

SOMMAIRE

Ce texte estime, présente et poésie sur l'intervention / performance, Komboio, Kombeiro, Kombunda réalisée par le Groupe de Recherche Corpos Informáticos, 2011. Sont utilisés des concepts de «trompeur (équivoque) de la violence », composition urbaine, fuleragem (sic), dispositif. Certaines questions quotidiennes sellent la poésie / écriture à six mains.

MOTS-CLÉS: *Komboio, Kombeiro*, “equivoque de la violence”, composition urbaine, fuleragem.

ad= aparece em várias locuções latinas; prefixo que 'vai sem ver'
verso=
ad-vento = que leva sem saber

No princípio era o corpo e neste rapidamente inaugurou-se a violência. A violência é o poder inaugurado no corpo. Poder sobre o corpo próprio, sobre o corpo do outro, dos outros. Violência: abuso de força; violação; tortura; juízo. “Viol”, em francês, é estupro. Corpo lascado, rachado, ardido de seus fluídos, hoje, prenhe de hormônios. O corpo submisso diante destas palavras, escritas de forma compartilhada a seis mãos, em rede, está sendo violentado.

O corpo submisso no banco da escola desde os primórdios, o corpo submisso à biblioteca e Mestrado, o corpo submisso, mais biblioteca e Doutorado, o corpo submisso professor. O corpo submisso no carro. E na Kombi, o corpo é submisso?

No seguir do texto atentaremos para a diferenciação entre a equívoca da violência e a violência instituída.

E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda. E tomando pela mão direita, o levantou, e logo seus pés e artelhos se firmaram. “E, saltando ele pôs-se em pé, e andou e entrou com eles no templo, andando e saltando e louvando a Deus...” BÍBLIA, Atos 3:1 a 8.

Não interessa sair da frente do computador de mão dada com alguém, ou algo, que nos leve. Também não interessa entrar “com eles” no templo. Sair da frente do computador também não é o ponto: cabe a crítica.

As guerras são frutos dos templos e daqueles que, se querendo sábios, mais sábios que os demais, querem levar os outros pelas mãos. Nós, Corpos Informáticos, queremos pular corda pelados na CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). A quem é designado o título de “nível superior”?

Na kombi¹, todos ficam no mesmo nível, é preciso usar as duas mãos para sustentá-la e é preciso ser no mínimo sete fuleiros² para levantá-la. E ficar nu, aqui, é pura fuleragem (sic). A “liberdade”, face da violência, vaga como uma ideia para a especulação.



Performance *Komboio*. Corpos Informáticos: CCBB, Brasília. 2011.

Em descontrolado, onde se dá o combate entre a equívoca da violência e a violência instituída, pode-se chegar ao estado lúdico ou anedótico. O conforto pressupõe segurança e controle. O descontrolado, o charivari, são risco.³

Fuleiro, sem ver,⁴ mostra bunda na Kombi, surrupia a precisão, devolve a ação em forma de risco, risca, arrisca a ordem do movimento em alquímico estado de lucidez do espírito.

Kombinationsfahrzeug, de onde se origina o nome Kombi, que quer dizer "veículo combinado" (ou "veículo composto"). Para o Corpos Informáticos interessa a composição, a composição urbana: arte de rua que não intervém nem interfere na *urbis*. Compõe e decompõe, é sinal nomadizante e gera equívoca da violência.

Kombinado, de fato, nada: fuleragem. Apenas o pulso. O grito resgata algum rumo entre pernas, inverte a técnica do limitar, corrompe a violência a um corpo que se pretende ordenar. Giorgio Agamben diria “dispositivo”.⁵ A Kombi sub-verte, ad-verte o dispositivo: verso.

Mas, na esquina do corpo outro, a violência tropeça e é traída pela fuligem. Fuligem, respingo, sobras do equívoco na falta de (des)ordem, método e clareza. Sobra, decola e trai: fuleragem. A Kombi entra na polpa da multidão, com a equívoca da violência e oferece, ao outro corpo, o descontrole, o gesto. A multidão borbulha, instituída de que? O corpo instituído tenta regular o corpo possível, o (des)controle foge ao sentido imposto e propõe: _ cospe fora o remédio e inspira regras de pretender-se.



Performance *Komboio*.

Corpos Informáticos: Bourbon Jazz Festival, Museu da República, Brasília. 2011.

A violência instituída “educa”, confirma e conforma a ordem, a nação, a meta, mas também, o carinho, o desejo, a Kombi e a fuleragem. Conforma, recolhe os vistos, devolve os irregulares, subtrai o absurdo e classifica a poesia.

Aqui se enseja a equívoca sobre a intuição fuleragem. Se o termo “fuleragem” tornar-se instituição, será necessário buscar o vagabundo, a vaga bunda ou simplesmente a bunda refrescada na janela da Kombi.

A equívoca nasce da pretensão que gagueja, revelando-se ruído, fratura e deposição da verdade em conserva. Liquidez tormentosa.

Na Kombi, não há nobreza, só sons da matemática ilusória das ilhas de ouro, não há bailarinos. Todos podemos ser bailarinos da incerteza, sabor de pele e de dia, um(a) após a(o) outra(o), como cobra, como todo veneno disponível, sem deus ou humanidade, apenas paz, rapaz, meninas e as maria-sem-vergonhas plantadas nas Kombis à espera da sombra dos Flamboyants e Xixás.⁶

Dança menino, pula corda, respira através da pele, assim como o dia que passa, sem programação. O dia “tardeia” na beira do lago em Brasília, uma chance para esquecer a ordem, o dispositivo: performance.⁷

Cada coisa tem sua equívoca. A equivocada composição urbana é a decomposição. A equívoca do dispositivo é o gesto. A equívoca da violência é a fuleragem. O vagabundo não se importa, suporta, desiste, e erra: errante. A fuleragem, escárnio da violência.

Uma oposição, diferentemente da equívoca, sugere o quanto durará o perfil de violência. A paz existe fora da sessão de acupuntura? A.CU.PUM.TU.RA? Na Kombi pode CU (composição urbana) e PUM (processo urbano mole), TU (terreno ubíquo), RA (redes adversas). Internet: doce e duro simultaneamente: o duro da vida (encontro no cheiro e no tato), o doce do (des)encontro virtual (filtrado pela censura da rede. A mesma censura do, também espaço estriado, a cidade). No doce ctrl_c, ctrl_v, no duro ctrl_c, ctrl_c: charivari, criação de um possível outro.⁸

Cada corpo é retransmitido em pixels pela rede. Violência (?): corpo luz fria, pedaços de nós. A telepresença foi linguagem artística utilizada pelo Corpos Informáticos de

1999 a 2006. Venceu (?). Tudo passa em alta velocidade. As palavras ficaram vazias perdidas na rede ou escritas em *papers* que analisam estes trabalhos. Esta telepresença era fuleira: utilizava *software* de *download free*. E todos aqueles que nos acusavam, até 2006, de fazer arte e tecnologia fuleira, em 2012, tiveram que calar-se: utilizávamos o que hoje todos procuram, a saber, *software* livre.

O juízo é um ramalhete de informações. A natureza do juízo é afirmar uma coisa de outra. Ou seja, o juízo é uma coisa que se quer afirmar como outra. O delegado já fez seu juízo, preparem os chicotes. Matadouro. Quantos porcos são mortos no Brasil, por dia? E galinhas?

As galinhas desfilam atadas ao corpo de Victor de la Roque.⁹ O que pode a performance? O que quer esta linguagem artística, com ou sem pixel?

* * *

Etapas do processamento de carnes e Corpos Informáticos: abate, desossa, separação dos cortes: pescoço (Bia Medeiros), acém (Jackson Marinho), peito (Márcio H. Mota), paleta (Fernando Aquino), fraldinha, filé mignon (Luara Learth), bisteca (Felipe Olalquiaga), contra filé (Mariana Brites), músculo (Camila Soato), ponta de agulha (Diego Azambuja), maminha (Maria Eugênia Matricardi), coxão mole, lagarto, patinho, costela (corpos expandidos), alcatra (+picanha) (Priscila Arantes, nossa mar(gari)da preferida), capa de filé, coxão duro, cupim, aba do filé. Salga, defumação, congelamento ou salsicharia.

Subprodutos: couro, sangue, tendões e ossos fazem a gelatina, adesivos, vísceras, cabeça, gorduras, fâneros: cascos, chifres, crinas, cerdas e pêlos. Presuntos. Linguíças grampeadas.

Mas, quantos corpos, quantas carnes pereceram sob os tiros do fuzil? Você fez essa conta? Fuzil faliu: Hiroshima, Chernobyl e Fukushima. Quantos morreram? Quantos estão morrendo e/ou estão condenados à morte e ninguém informa?

Etapas do processamento de Kombi: falência do motor, ferrugem instalada, venda para o ferro-velho, separação dos cortes: ferro, alumínio, couro, plástico, mola, parafuso, longarina. Corpos Informáticos compra: R\$ 100,00 cada Kombi, lixa, esmerilha, recorta, pinta.

Em março de 2012 são quatro as Kombis no *Kombeiro*. A quinta tornou-se, de novo, veículo. Mas, agora, movido à máquinas desejanter, vira bumba-meu boi, bumba minha mosca,¹⁰ roupa de pelados na Kombi.

Subprodutos: performance, máquinas desejanter, bundalelê na Kombi, público da vernissage em polvorosa: 10 moleques pelados na Kombi no CCBB Brasília. Sim, o mesmo CCBB que proibiu o trabalho da Márcia X, *Desenhando com terço onde terços* foram primorosamente colocados no chão em forma de *phallus*.

Toda a matança é um monumental teatro de bonecos pós-dramático que existe desde que seres adquiriram a linguagem e, assim, passaram a se chamar humanos. Mas Hans-Thies Lehmann acabou de descobri-lo tentando classificar algo como “mais superficial”, “mais abrangente”, “inteiramente insatisfatória”, buscando “autenticidade cultural”, “certezas metodológicas” e naufragando entre “incompreensão interessada” e “incompreensão paralisante”.¹¹

Como diria Roland Barthes, "séculos inteiros se acabam nos avatares de um sangue instável. O século XIII na lepra, o XIV na peste negra".¹² O século XX se acaba no Afeganistão, no Iraque e no centro de Nova Iorque com a crise financeira. Já o século XXI começa com a crise na Europa, farinha de sangue, sangue em pó, plasma, soro e adesivos. Do boi, hoje, não se perde nem o berro. O berro é *sampleado*. A violência instituída proibiu Hermeto Pascoal de tirar som ao vivo de um porco.¹³

Da Kombi, se perde a fuligem?

Brilhante contradição: quantos bois, porcos, galinhas, chesters, tenders e pernis são mortos por dia? As fábricas parecem não sensibilizar os ambientalistas. Cerveja pra

cachorro! Em Chapecó tem muito peru dando sopa. É a cidade do Brasil onde mais corre sangue. Rios de sangue de boi-porco-peru.

A violência contra animais: a produção de carnes bovina e de vitelo cresceu entre 1995 e 2006, saltando de 48,5 milhões para 53,8 milhões de toneladas equivalente-carcaça.

Perguntas sem-resposta:

Quem produz carne de pior qualidade?

A Kombi ou o açougue?

É necessário utilizar cruzamentos?

Kombinationsfahrzeug: composição, cruzamento, combinação. É necessário configurar? A Kombi? Os computadores? Nossas mentes?

Acabamento a pasto diminui a qualidade? Acabamento sem fim: Kombi se processando na seca e na chuva de Brasília.

É necessário classificar ou tipificar a carcaça?

Qual o nome da carcaça da Kombi?

Para ter qualidade a carne precisa ser metaforizada nua na Kombi? E a Kombi, metalizada?

A Kombi, recortada para ser transportada, como carro dos Flinstons, pelo Corpos Informáticos, é uma anatomopolítica (DELEUZE) onde "o riso é o próprio homem" (ARISTÓTELES). Fuleira, chula, vagabunda, ou simplesmente bunda vai a Kombi pelas "ruas" de Brasília.

* * *

O corpo é o enigma: perto demais, não podemos separá-lo de sua condição. A carne (*caro*) serve pouco, talvez limite, como o fato. A carne não se move de nós, pois não possui ubiquidade. Dialética do instinto e da instituição. Talvez a carne de boi.

As palavras fazem as coisas. E novos termos que surgem na Antiguidade tardia, depois na Idade Média, tais como *caro* (a carne), *luxuria* (a luxúria), *fornicatio* (a fornicção), forjam o vocabulário cristão da ideologia anticorporal. A natureza humana designada pelo termo *caro* é, desta maneira, sexualizada e abrirá as portas ao "pecado contra a natureza".¹⁴

* * *

Este texto foi produzido sob intensas tempestades solares de radiação que atingem a terra em janeiro/março de 2012. Chuvas torrenciais em Minas Gerais, prédios desabando no Rio de Janeiro, Fukushima não parou. Enquanto isso, em Brasília, um terço do Corpos Informáticos tece este texto simultaneamente compartilhando-o virtualmente em editor de texto virtual: corpos submissos e a Kombi esperando o próximo filme.

O poder sobre o cotidiano é exercido através do direito à violência. Cria-se a tecnologia que concede o direito de atuar com violência. A pior violência é, sem dúvida, a violência paralisante exercida pelos dispositivos. Onde está a crítica?

Queremos manter o corpo matéria ou substituí-lo por outro, mental, onde a programação é a entrada que se desdobra em avatares e cenários fantásticos? Há diferença entre virtual e carne ou, no princípio, eles foram gerados simultaneamente? Antropogênese e tecnogênese dão se simultaneamente. A violência e os dispositivos também nascem simultaneamente com o ser humano. A crítica aguarda a filosofia.



Instalação *Kombeiro*. *Corpos Informáticos*: UnB, Brasília, 2011.

Nosso corpo desacata em suas estruturas (in)voluntárias enquanto nos abatedouros o sangue escorre. Não encontramos conclusão. O homem tem instintos: capota a Kombi, debocha da instituição, reivindica o bundalelê, posta no facebook e é engolido.

Referências bibliográficas

AGANBEM, G. *O que o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

_____. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004. P. 110.

AQUINO, F. & MEDEIROS, M.B. *Corpos Informáticos. Performance, corpo, política*. Brasília: PPG-Arte/UnB, 2011.

Bíblia Sagrada. São Paulo: Tempo Maltese, 1998.

Le Goff, Jacques e Truong, Nicolas. *Uma história do corpo na idade média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. P. 39.

LEHMANN, Hans-Thies. *O teatro pós-dramático*. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

MEDEIROS, M.B. A pesquisa teórica nos processos criativos da arte da performance no Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. In *Anais da V Reunião Científica da ABRACE*, 2009. São Paulo: ABRACE, 2009.

Referências eletrônicas

www.abertobrasilia.com.br/

www.portalabrace.org/vreuniao/textosterritorios.html

vimeo.com/corpos

vimeo.com/30755263

vimeo.com/13542265

www.corpos.blogspot.com

corpos.blogspot.com.br/2010/08/amarelinha-binaria.html

www.performancecorpopolitica.net

Fernando Aquino. Artista, poeta, mestrando em Arte PPG-Arte/UnB, membro do Corpos Informáticos desde 2006, membro do Grupo Tuttaméia com Márcio H. Mota. minaspadrao.wordpress.com webartes.dominiotemporario.com/wordpress/

Márcio H. Mota. Artista multimídia, mestrando em Arte PPG-Arte/UnB, membro do Corpos Informáticos desde 2006, membro do Grupo Tuttaméia com Fernando Aquino. Marciohmota.wordpress.com

Maria Beatriz de Medeiros. Professora Doutora em Artes e Ciências da Arte, Paris1-Sorbonne, leciona na Universidade de Brasília. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. WWW.corpos.org

¹ Este texto tem como fio condutor a instalação *Komboio* e a performance *Pelados na Kombi*, realizadas na exposição *Aberto Brasília*, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Brasília, 2011. Esta exposição teve como curador Wagner Barja e contou com a presença dos artistas: Bertrand Planes (França); Cildo Meireles; Cirilo Quartin; Colectivo the Milena principle (Geert Vermeire, Stefaan van Biesen) (Bélgica); Corpos informáticos (grupo); Fernando Baena (Espanha); Guto Lacaz; Karina Dias; Leonardo Crescenti; Luis Alphonsus Guimaraens; Nelson Felix; Paulo Bruscky; Pawell Althamer (Polônia); Rejane Cantoni; Rodrigo Paglieri; Ronald Duarte; Søren Dahlggaard (Dinamarca); Xico Chaves e Waltércio Caldas. <http://www.abertobrasilia.com.br/>

A instalação para esta exposição aconteceu no CCBB e na Universidade de Brasília. O Corpos Informáticos “plantou” 2 Kombis no CCB e uma na UnB. Na abertura da exposição aconteceu a performance *Pelados na Kombi*, em uma quarta Kombi, feita para ser carregada como é carregado o carro do Fred Flinstons. Posteriormente todas as Kombis foram movidas para a UnB e a instalação resultante é atualmente denominada *Kombeiro*.

² O Corpos Informáticos desenvolve o conceito de “fuleragem”: “A fuleragem não é obra de arte nem acontecimento, é ocasião (oca grande), acaso e improviso. Ela é mixuruca e não efêmera, renuncia à obra, ao espaço *insitu* e mente. [...] A fuleragem se dá por parasitagem na paisagem física ou virtual, com participação iterativa do espectador que dança, canta, pula corda ou se excita na frente da enceradeira vermelha.”

MEDEIROS, M.B. “Que canta e ri”, in AQUINO, F. & MEDEIROS, M.B. *Corpos Informáticos. Performance, corpo, política*. Brasília: PPG-Arte/UnB, 2011.

Fuleiro é o artista que realiza fulleragem.

³ Este descontrolado, este charivari, refere-se à performance “pelados na Kombi”, que aconteceu no Bourbon Jazz Festival, Brasília, 2011. A Kombi, sustentada por dez fuleiros, invadiu a praça onde ocorria o show causando equívoca da violência, isto é, estado lúdico ou anedótico, mas também a violência instituída, quando diversas pessoas reclamavam “seus” espaços sentido-se incomodados pela performance.

⁴ A expressão “sem ver”, aqui, refere-se ao conceito de mar(ia-sem-ver)gonha, desenvolvido pelo Corpos Informáticos a partir do conceito de “rizoma” de Deleuze e Guattari. Mar(ia-sem-ver)gonha é rizoma e árvore, é “brasileira”, originária de Zanzibar, fuleira e interessa a linguagem artística performance que privilegia os outros dez sentidos e o sentido em detrimento da visão. MEDEIROS, M.B. A pesquisa teórica nos processos criativos da arte da performance no Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. In Anais da V Reunião Científica da ABRACE, 2009. São Paulo: ABRACE, 2009. <http://www.portalabrace.org/vreuniao/textosterritorios.html>

⁵ AGANBEM, G. *O que o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

⁶ Flamboyants (*Delonix regia*; nome popular: Flamboyant, flor-do-paraíso, pau-rosa, acácia-rubra, árvore-flamejante); Xixá (*Sterculia chicha*; nome popular: amêndoa do cerrado, castanha de macaco, chichá, mandoví) e palmeiras Areka (*Dypsis lutescens*; nome Popular: Palmeira-areca, areca, areca-bambú), além de Maria-sem-vergonha, são as espécies plantadas dentro das Kombis.

⁷ Referência à performance *Re(re)plexo*, quando fizemos boiar sobre o lago nossas placas de espelhos criadas para a performance *(re)plexo*, FUNARTE-Brasília e SESC-Pinheiros, ambos 2006. Na ocasião foi filmado o vídeo *Diego pulando corda*, edição Márcio H. Mota; foi realizada a performance *unhas defeitas no lago Paranoá*, por Bia Medeiros, fotos Camila Soato. vimeo.com/corpos e www.corpos.blogspot.com

⁸ O conceito de doce e duro são emprestados à Michel Serres (*Os cinco sentidos*. Paris, Grasset: 1985). Ver <http://corpos.blogspot.com.br/2010/08/amarelinha-binaria.html>

Ctrl_c, ctrl_c refere-se ao trabalho efetuado em 2005 na Marquise, FUNARTE-Brasília e na passagem subterrânea 209/309 Norte. www.corpos.blogspot.com

O termo “charivari” nos foi lembrado por Giorgio Agamben in *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004. P. 110.

⁹ Referência à performance *Gallus Sapiens 2*, efetuada por Victor de La Rocque no evento Performance: corpo, política e tecnologia. Brasília, 2009. Edital MINC/Petrobrás: Cultura e Pensamento. <http://www.performancecorporpolitica.net>, <https://vimeo.com/30755263>

¹⁰ Referência ao espetáculo Mar(ia-sem-ver)gonha, Prêmio Artes Cênicas na Rua 2009, com apresentações no teatro SESC-Garagem e nas ruas em Brasília, Ceilândia, Goiânia. Ver livro AQUINO, F. & MEDEIROS, M.B. *Corpos Informáticos: corpo, cidade e política*. Brasília: PPG-Arte/UnB, 2011. <https://vimeo.com/13542265>

¹¹ LEHMANN, Hans-Thies. *O teatro pós-dramático*. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

¹² BARTHES *apud* Le Goff, Jacques e Truong, Nicolas. *Uma história do corpo na idade média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. P. 39.

¹³ Hermeto Pascoal. Música: *Missa dos escravos*, Álbum: *Missa dos escravos*, 1977.

¹⁴ Le Goff, Jacques e TRUONG, Nicolas. *Op. Cit.*. P. 42.